

COMO CURAR UM FANÁTICO?

Eduardo Jardim¹

Resumo

Emanuel Kant, no parágrafo 40 da *Crítica do Juízo*, define o conceito de mentalidade alargada como uma das máximas do juízo. A noção diz respeito à possibilidade de se pôr no lugar dos outros para poder julgar. Alargar o modo de pensar não significa, para Kant, identificar-se ao ponto de vista do outro, mas tem a ver com a capacidade de reconhecer a existência de pontos de vista diferentes sobre um assunto. Apesar do descrédito dessa atitude na vida contemporânea, alguns autores, de forma explícita ou não, reivindicaram sua filiação ao ideal kantiano. Foi o caso de Hannah Arendt e de Amós Oz, aproximados neste ensaio. No caso da primeira, a *Crítica do Juízo* constitui uma referência indispensável para definir o modo de pensar político. Amós Oz, de forma não declarada, se aproxima de Kant e de Hannah Arendt, tanto nos seus ensaios quanto em alguns romances.

Palavras-chave: ética, alteridade, Amós Oz, Hannah Arendt, fanatismo, política.

¹ Foi professor do departamento de Filosofia da Puc-Rio e atualmente é escritor, tendo publicado, dentre outros, *Eu sou 300* e *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz*.

COMO CURAR UM FANÁTICO?

Eduardo Jardim²

Amós Oz já é bastante conhecido do público brasileiro. Apenas para recapitular o perfil deste que é talvez o mais brilhante representante de um grupo de escritores judeus nascidos e criados em Jerusalém: Oz é de 1939, filho de pais emigrados do leste europeu, no início dos anos 1930. Aos quinze anos, foi para um kibutz e começou a escrever. É um dos fundadores e ativista do grupo *Paz agora*, que defende a coexistência de dois estados na Palestina. Oz escreveu uma autobiografia chamada na edição brasileira *De amor e trevas*, na qual se nota que muitas cenas e personagens de seus romances foram inspirados na sua vida.

Judas é o vigésimo livro de ficção de Amós Oz. Como o título indica, o livro quer pôr em discussão a figura do traidor, que, no romance, aparece com várias fisionomias. Quem são esses traidores?

O principal deles é o próprio Judas Iscariotes, a figura máxima de traidor – o assunto dos estudos do personagem central do romance, Schmucl Asch. Há também o personagem de Shaltiel Abravanel, um líder fictício da independência de Israel que se opôs à guerra e defendeu a formação de uma comunidade mista de árabes e judeus, sem reivindicar a criação de dois estados. No romance, a posição de Abravanel é contrária à de Ben Gurion, e disso decorre sua expulsão do grupo que promoveu a independência, bem como a acusação de traidor. O próprio personagem do jovem Schmucl Asch, em algum momento, se descreve a si mesmo como um traidor.

O romance pretende considerar de outro modo a figura do traidor e, para tanto, se põe no seu lugar.

² Foi professor do departamento de Filosofia da Puc-Rio e atualmente é escritor, tendo publicado, dentre outros, *Eu sou 300* e *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz*.

Assim, o livro surpreende o leitor, ao apresentar a tese de que Judas Iscariotes foi o mais fiel discípulo de Jesus e o primeiro cristão. Oz se inspira nos escritos de um rabino italiano do Renascimento, que tinha a seguinte interpretação: Judas teria sido contratado pelos sacerdotes de Jerusalém para se infiltrar entre os apóstolos como um espião. Só que, ao fazer isso, ele termina se deixando cativar e se convencer por Jesus, tornando-se seu discípulo mais próximo. Para provar que Jesus é realmente o filho de Deus, Judas monta a cena da crucificação, inclusive subornando as autoridades. Ele contava que, no momento da crucificação, em uma cena milagrosa, Jesus desceria da cruz e se imporia a todos, demonstrando os seus poderes divinos. Acontece que Jesus era demasiado humano e duvidou de si mesmo. O plano se frustrou. Como uma reação a isso, Judas se enforcou. Assim teria morrido o primeiro, o último e, talvez, o único verdadeiro cristão – afirma Amós Oz.

Por sua vez, Shaltiel Abravanel, que, no romance, tinha sido expulso da Agência Judaica como traidor, é recuperado como um defensor de uma solução política e não militar para o conflito entre judeus e palestinos. Na visão do personagem, no caso de haver uma guerra entre judeus e muçulmanos, mesmo com a vitória imediata dos judeus, esta seria uma guerra para gerações inteiras, e a vitória final seria fatalmente do Islã.

Esse deslocamento para a posição do traidor, presente no romance *Judas*, é também mencionado nas conferências reunidas em *Como curar um fanático*. A preocupação central de Amós Oz, não apenas nestas palestras, mas em toda a sua obra, tem sido a tensa relação entre Israel e os palestinos, e a tentativa de achar alguma forma de solução. Oz é favorável a uma solução de compromisso entre israelenses e palestinos, que ele prefere chamar de um “divórcio amigável”. Ele descarta as soluções pouco realistas de convivência fraterna e prefere um ponto de vista inspirado nas palavras do poeta norte-americano Robert Frost: “Boas cercas fazem bons vizinhos!”³.

³ Oz, Amós. *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 43.

Assim, o procedimento que possibilita pôr-se no lugar do outro está presente tanto nos romances quanto nas palestras e ensaios do escritor, constituindo a base de uma proposta para uma solução política do conflito palestino. Ele também molda sua personalidade. Na palestra feita no dia seguinte ao atentado do Bataclan, em Paris, em 2015, ele falou como é seu dia de trabalho: “Durante muitos anos tenho acordado às quatro horas da manhã. Uma caminhada antes do amanhecer põe muitas coisas em sua proporção correta. [...] Depois volto para casa, ainda antes do nascer do sol, preparo uma xícara de café, sento à minha escrivaninha e começo a me fazer perguntas. Não pergunto a que ponto está chegando o mundo, ou qual será o caminho certo a seguir. Eu me pergunto: “E se eu fosse ele? E se eu fosse ela? O que sentiria, desejaria, temeria e esperaria? Do que teria vergonha, esperando que ninguém jamais soubesse?” E resume sua posição: “Meu trabalho consiste em me pôr no lugar de outras pessoas.”⁴ Em outra passagem ele diz que, desde a sua infância em Jerusalém, vem se perguntando como seria ser um palestino.

Oz, sozinho em sua mesa de trabalho, confia em sua imaginação para acionar esse procedimento de deslocamento para o lugar do outro, para criar seus personagens de traidores. E já que o trabalho do escritor resulta do recurso à imaginação, Oz manifesta uma certa esperança na literatura. E, pode-se dizer, nos seus leitores. Se existe, para Oz, um antídoto contra o fanatismo, este tem a ver com a capacidade de deslocar-se para o ponto de vista do campo contrário e, nesse sentido, a literatura pode ser de grande valia. Amós Oz é cauteloso. Ele não acha que a literatura resolve todo o problema, nem acha que toda literatura tem essa motivação. Aliás, ele sabe que muita literatura serviu aos interesses dos fanáticos. Mas é capaz de mencionar importantes antídotos: Shakespeare, Gógol, Kafka, Faulkner.

Como não reconhecer, a esta altura, a afinidade do procedimento de cura do fanatismo recomendado por Amós Oz, que tem a ver com a capacidade de se pôr do ponto de vista do outro, o que é feito com o recurso da imaginação, com a leitura de Hannah Arendt da *Crítica do Juízo*, de Kant, e da importância

⁴ Idem, p. 12.

atribuída por ela à máxima do senso comum que prega o alargamento da mentalidade?

Por três vezes Hannah Arendt se deteve no estudo desse livro de Kant. Em 1957, ela anunciou a Karl Jaspers que o estava lendo com crescente fascínio. Comentou com o amigo e mestre que achava que na *Crítica do Juízo*, e não na *Crítica da Razão Prática*, estaria escondida a verdadeira filosofia política de Kant, e indicou os principais tópicos do seu interesse: o senso comum, o gosto visto como critério do juízo, o modo alargado de pensar e a comunicabilidade do juízo.

Em 1959, ao rever o ensaio sobre a crise na cultura, que seria publicado em *Entre o passado e o futuro*, incorporou a última parte, quase toda dedicada ao tema do juízo, o que chega a provocar um certo desequilíbrio no texto. Pouco mais de dez anos depois, em 1970, nas aulas dadas na New School, em Nova York, retomou o exame do livro de forma ainda mais pormenorizada, sublinhando a relevância do parágrafo 40, que trata da definição do senso comum. Estas aulas fazem parte do livro póstumo chamado pelo editor de *Lições sobre a filosofia política de Kant*.

Hannah Arendt tinha programado escrever a última parte de *A vida do espírito*, dedicada ao juízo, tomando Kant por referência. Na sua máquina de escrever foi encontrada a folha com o título – *Judging* – e duas epígrafes. A primeira é “a causa do vencedor agrada aos deuses, mas a dos vencidos, a Catão”, e a segunda, muito mais sugestiva, é uma passagem de Goethe, do *Fausto*, que cito na tradução de Jenny Klabin Segall: “Pudesse eu rejeitar toda a feitiçaria, / Desaprender os termos de magia, / Só homem ver-me, homem só, perante a Criação, / Ser homem valeria a pena, então”.⁵

O que teria motivado Hannah Arendt a voltar com tanto interesse e tantas vezes ao livro de Kant? Certamente o problema que a preocupava era a crescente incapacidade de julgar do homem contemporâneo. A razão principal

⁵ GOETHE, J. W. *Fausto*. Rio/BH: Villa Rica, 1991, p. 430.

disto remontaria ao início da Era Moderna, quando o significado do senso comum foi deturpado. A modernidade substituiu pela dúvida a confiança na capacidade de os sentidos acolherem a realidade. Respondeu a isto com um acentuado subjetivismo, eliminando a possibilidade de reconhecimento de um mundo compartilhado.

A leitura de Hannah Arendt da *Crítica do Juízo* apresenta algumas características muito particulares. Inicialmente, ela promove uma transposição da noção kantiana de juízo de gosto do plano da estética para o âmbito da política. Ao tomar a parte da *Crítica do Juízo* relativa à estética como a base da filosofia política kantiana, Hannah Arendt quis também tomar distância de uma interpretação muito comum, que condiciona o tratamento das questões de política a critérios de natureza moral. A este respeito, a filósofa sempre insistiu que é preciso distinguir os juízos políticos, que são persuasivos, daqueles de ordem moral, que são imperativos.

Uma segunda característica da leitura de Hannah Arendt tem a ver com uma série de recortes que ela fez no texto de Kant, o que fornece indicações precisas dos pontos que mais chamaram sua atenção. Relativamente ao significado geral da parte do livro “Analítica do Belo”, ela sublinhou o fato de Kant ter tomado o gosto, o menos objetivo dos sentidos, como referência para a definição do juízo estético. Hannah Arendt entendeu que, para Kant, foi exatamente pelo fato de o gosto ser o menos objetivo dos sentidos que ele pode ser considerado o mais livre, pois ele seria o menos dependente de algum fator determinante externo.

Outro recorte feito por Hannah Arendt no livro de Kant põe em relevo um determinado ponto da “Analítica do Belo”. Dos quatro momentos que compõem esta parte da obra, que tratam respectivamente da qualidade desinteressada, da quantidade universal, da ausência de finalidade e do caráter exemplar do juízo, Hannah Arendt deu atenção ao primeiro. Assim, a ausência de interesse é, para ela, o componente mais importante do juízo. Pelo fato de o juízo ser isento de interesse é possível afirmar que ele não se origina do contato efetivo com as coisas, mas da representação que fazemos delas. Neste ponto, Kant

faz referência, pela primeira vez, ao poder da imaginação, pois é essa faculdade que possibilita uma representação imagética das coisas, sobre a qual a atividade do juízo vem se exercer.

A qualidade desinteressada do juízo se apresenta como uma primeira forma de superação do egoísmo. Ela tem a ver com nossa capacidade de nos desprendermos de nós mesmos em benefício daquilo que tem um valor em si próprio. A superação do egoísmo é um passo preparatório para o momento seguinte da interpretação de Hannah Arendt, quando será destacada a dimensão comunitária ou plural do juízo.

Hannah Arendt dá grande importância ao parágrafo 40 da *Crítica do Juízo*, que trata do gosto como uma espécie de senso comum. O caráter comunitário do senso comum foi reconhecido pela filósofa como decisivo para a definição do juízo político. As razões apresentadas para isso são as seguintes: em primeiro lugar, o senso comum é de todos; não depende de mérito nem de privilégio. Há, além disso, o fato de que Kant define o senso comum como a faculdade de julgar que leva em consideração a representação de qualquer outro homem. Efetiva-se, desse modo, a ligação do juízo de cada um com a razão humana inteira. Kant indaga como é exercido o senso comum. E responde: pela comparação do nosso juízo com o juízo dos outros e pondo-se no lugar de todos os outros. De novo, neste ponto, a imaginação comparece, desempenhando um papel central, pois é por meio do seu exercício que se torna possível o deslocamento para o lugar dos outros.

O parágrafo 40 da *Crítica do Juízo* define as três máximas do senso comum. A primeira delas é “pensar por si mesmo”, o que significa: pensar sem preconceitos. Trata-se da máxima do Esclarecimento. A segunda é “pensar se colocando no lugar dos outros”. Esta seria a máxima do pensamento alargado. A terceira máxima é “pensar sempre de acordo consigo mesmo”. Trata-se da máxima do pensamento consequente. Nem é preciso dizer qual das três máximas Hannah Arendt preferiu: certamente a segunda, a do pensamento alargado.

Segue-se à definição dessas três máximas a descrição dos perfis correspondentes a cada uma delas. O perfil correspondente à segunda máxima do senso comum – a do pensamento alargado – é o do homem de espírito aberto. Ele é descrito como aquele que pode se elevar acima das condições subjetivas, quer dizer, que é capaz de superar as ilusões do homem solitário, e tem condições de julgar a partir de um ponto de vista universal, a que só se pode ter acesso se pondo na perspectiva do outro.

Voltando a Amós Oz, sugiro identificar seu perfil ao do homem de espírito aberto, referido por Kant, e ao ajuizador político de Hannah Arendt. Esta aproximação de Oz, Kant e Hannah Arendt pode parecer inusitada, quando se conhecem as declarações de Amós Oz sobre a Europa e sua história, inclusive a intelectual. Em uma de suas palestras ele afirmou: “Eu já disse mais de uma vez, mas creio ser útil reiterar que a Europa está envolvida historicamente, em mais do que uma só maneira, na tragédia de israelenses e árabes. Tanto israelenses como árabes, de dois modos distintos, foram no passado vítimas da Europa: os árabes pelo colonialismo, o imperialismo, a exploração e a humilhação. Os judeus pela discriminação, perseguição, pelos pogroms e finalmente pelo pior genocídio sistemático da história”⁶. Amós Oz é um israelense mais voltado para o Oriente do que para a Europa. Ele tem mais afinidades com os palestinos muçulmanos do que com os europeus.

A reação do escritor à Europa deve ser a de toda uma geração, em contato com as duas que a precederam: a de seus pais e a de seus avós. Sua geração foi a primeira nascida ou criada em Israel durante ou logo após o genocídio nazista. Foi a primeira que vivenciou intimamente o ressentimento contra a Europa e tomou distância dela. Seus pais, que emigraram para Israel nos anos 1930, foram ainda europeus, talvez os únicos em sua época, e os últimos. Em um momento em que a Europa já estava dividida em estados nacionais, dotados de desastrosa soberania, os judeus ainda se imaginavam à vontade cruzando os canais de Veneza, caminhando pelas ruas de Londres ou varando as planícies do leste. A ilusão do cosmopolitismo foi quebrada pelos

⁶ Oz, Amós. *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 24.

acontecimentos que vieram em seguida. Como poderia a geração que veio depois, já vivendo em Israel, se identificar com a história europeia, da qual resultou a quase completa eliminação da geração de seus pais e de seus avós?

Mesmo correndo o risco de ser impertinente, a tese que eu gostaria de defender é de que existe, no período moderno, mais do que uma tradição intelectual europeia. Certamente, há a tradição em que figuram a hiperinflação do sujeito, que determinou o modo de pensar europeu em geral, o estado nacional e o conseqüente imperialismo, estudado na segunda parte de *Origens do totalitarismo*. E como não reconhecer nos noticiários de todos os dias, no tratamento dispensado aos refugiados sírios, a presença e o recrudescimento do egoísmo combatido por Kant? Mas acredito haver uma outra linhagem de pensamento cosmopolita e aberta. A ela pertencem pensadores como Kant e Hannah Arendt, entre outros.

Em algum momento de uma de suas palestras, Amós Oz faz referência a alguns versos do poeta Yehuda Amichai para caracterizar a posição de recusa do fanatismo. Os versos são os seguintes: “Do lugar em que temos razão / jamais crescerão / flores na primavera”. Nestes versos estaria contida a ideia de que o fanatismo resulta de uma inflação do ego, que pretende ter sempre razão, e que impede o surgimento de manifestações de beleza, de produtos da imaginação como a literatura. A íntegra do poema de Yehuda Amichai, “O lugar em que temos razão”, que pode ser tomado como uma espécie de declaração de princípios de Kant, Hannah Arendt e Amós Oz é a seguinte:

Do lugar em que temos razão
jamais crescerão
flores na primavera.

O lugar em que temos razão
está pisoteado e duro
como um pátio.

Mas dúvidas e amores
escavam o mundo
como uma toupeira, como a lavradura.
E um sussurro será ouvido no lugar
onde houve uma casa
que foi destruída.⁷

⁷ AMICHAÏ, Y. Tradução de Nancy Rozenchan. In: “Poesia sempre”, n. 8. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pi/pi981004.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

_____. *A vida do espírito*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009a.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009b.

Kant, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt a. M: Suhrkamp, 1974.

_____. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

OZ, Amós. *Judas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *De amor e de trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.